

Identidade cultural: Trajetória e afirmação em Mário de Andrade e Caetano Veloso

Carlos Guimarães de Almeida Neto
Mestre pela PUC - Rio

Identidade cultural em Mário de Andrade e Caetano Veloso:

"Eu não espero pelo dia em que todos os homens concordem. Apenas sei de diversas harmonias bonitas possíveis sem juízo final. (C. Veloso)."

A dissertação –*Trajetória e afirmação: Identidade cultural em Mário de Andrade e Caetano Veloso*- teve como objetivo observar um deslocamento no termo –identidade cultural- termo este que se coloca em flutuação e conseqüentemente distante dos indicativos que o determinavam por categorias fixas e específicas relativas à história das idéias. No desenvolver do texto pode-se perceber que a complexidade da questão é relativa ao método, uma vez que a formação identitária sempre foi perseguida com constância por diversas gerações brasileiras através de projetos estético-culturais que tiveram em si a intenção de conceituar termos como pátria, identidade e nação.

Não houve intenção de generalizar o sentido do termo, mesmo flutuante, o que justifica o nome dos autores no título. Defende-se a idéia de que a liberdade de expressão, maior conquista cultural do século XX, desvinculou a obra de arte dos projetos institucionais e por isso o foco de atenção de minha escrita foi a obra dos autores citados, sendo a identidade cultural um nome que só pode ser observado a partir da obra. O sentido da palavra –trajetória- é histórico na medida em que permite a visão de uma dinâmica cultural que desconstrói a dicotomia particular-universal, sendo a tendência da espacialização como fenômeno estético uma característica constante na obra dos autores citados contra as formas hegemônicas. Defende-se a idéia de que o uso da palavra –afirmação- só foi possível no momento em que se permitiu o esquecimento de um passado de imposições culturais neste movimento de desmitificação da cultura.

É curioso observar que, neste sentido, Mário de Andrade é a tese e a antítese de Caetano Veloso, pois se a obra do modernista indica um movimento histórico-cultural em direção à pluralidade e a não hierarquização das formas artísticas, por outro, a relação

defendida por ele entre os termos identidade cultural e verdade criou um elo essencialista entre o ser e a terra, a arte e a cultura, revertido na obra do compositor baiano. A questão que se desenvolveu na dissertação foi a de que a desmitificação de origem só se concretizou no momento em que o sentido da arte se desvinculou da obrigatoriedade, pois se a palavra trajetória indica um caminho linear e histórico do termo identidade cultural, a afirmação só foi possível no momento em que a definição da mesma palavra libertou-se dos paradigmas de autenticidade nacional ou de valores metafísicos.

Volta-se ao problema do método nesta passagem da homogeneidade para a heterogeneidade. Um levantamento bibliográfico da crítica brasileira sobre o assunto foi fundamental para estabelecer critérios de investigação, uma vez que os autores estudados de forma comparativa no primeiro capítulo (Antonio Candido, Roberto Schwarz, Silviano Santiago) são especializados na questão de dependência cultural. A escrita da dissertação baseou-se no método chamado desconstrução, utilizado pelo crítico Silviano Santiago dando sequência aos estudos realizados por Michel Foucault e Jacques Derrida. A justificativa metodológica prevalece ao pensamento que foge a lógica binária e conseqüentemente aos métodos que constroem o conceito a partir de uma origem.

O deslocamento do termo –identidade cultural- só foi possível por uma estratégia de pensamento que questiona as categorias fixas e hegemônicas da cultura por uma operação de substituição, de complementaridade. O espaço sócio-cultural, antes determinado por uma verdade imutável, coloca-se como um fluxo degenerativo, mas paradoxalmente formador de um novo pensamento que se ergue do apagamento gradual do passado diante de uma nova percepção, pois espontânea, heterogênea, ao mesmo tempo destruidora e reconstrutora das formas de pensar tradicionais. Degeneração de uma identidade construída por uma imposição linguística e reconstruída no próprio movimento que preserva a palavra colocando-a em identificação com o heterogêneo. Colocar-se

neste fluxo é acreditar que a liberdade de expressão cultural é uma realidade decorrente do amadurecimento da linguagem e conseqüentemente a libertação de um recalque típico dos países colonizados que é o da falta ou não de transmissão.

A escolha pela desconstrução é uma opção por uma linguagem caracterizada pela transculturação. Partiu-se do princípio de que a palavra –identidade cultural- é um signo linguístico exterior ao sistema conciliatório entre essência e aparência, índice e expressão. Acreditar na exterioridade da palavra é desviá-la de um sentido ou trajetória teológica, ambição nacionalista de Mário de Andrade em relação ao termo identidade cultural. A palavra textual indica o movimento de uma teoria da escritura que desloca o ato de nomear dos valores de origem. Desprovida de propriedade a palavra flutua, coloca-se autônoma no objeto tal qual um campo teórico em que as forças coexistem questionando a verdade do signo linguístico e o conhecimento prévio de que a linguagem é a expressão da realidade. A abertura do conceito questiona os limites entre realidade e ficção possibilitando a reflexão sobre como uma prática descentralizadora, um questionamento realizado a partir daquilo que excede o conceito e pode transformá-lo. Como diz Caetano, referindo-se a um espírito dos trópicos sem essencialismo, a verdade tropical que se apresenta na sonoridade da palavra brasileira: “alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial.”

Referências bibliográfias:

- ANDRADE, Mário.** O banquete. São Paulo. Duas cidades, 1977.
- _____. O baile das quatro artes. São Paulo. Martins editora, 1943.
- _____. Macunaíma. Edición crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Coordinadora. Primeira reimp., Madrid, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José de Costa Rica, Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997.
- _____. Poesias Completas. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.
- _____. Aspectos da literatura brasileira. São Paulo: Martis editora, 1972
- _____. Obra imatura. Belo Horizonte: Livraria Martins editora S.A., 1990.
- CANDIDO, Antonio.** A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. Formação da literatura brasileira. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, 1997.
- _____. Tese-antitese. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- DINIZ, Júlio.** A voz múltipla de narciso In: Toward criticism: luso brazillian literature. Tempe: Arizona State University Press, 1991.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona.** Ramais e caminhos. São Paulo: Livraria duas cidades, 1972.
- LUCHESI, Ivo e KORFF, Gilda.** Caetano, por que não? Uma viagem entre a aurora e a sombra. Rio de Janeiro: Leviatã produções, 1993.
- MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; TEIXEIRA, Fernanda de. (org).** Ao encontro da palavra cantada –poesia, música e voz- Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
- SANTIAGO, Silviano.** Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. Vale quanto pesa. São Paulo: Editora paz e terra, 1982.
- SCHWARZ, Roberto.** Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- _____. Que horas são? São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- SOUZA, Eneida Maria de.** A pedra mágica do discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- SOUZA, Edson Luiz André de.** Psicanálise e colonização- leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Arte e ofícios editora Ltda, 1999.
- TATIT, Luis.** O cancionista. São Paulo: Editora da Univeridade de São Paulo, 2002.
- VASCONCELOS, Gilberto.** De olho na fresta. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- VELOSO, Caetano.** Verdade Tropical. São Paulo: Companhia das letras, 1997
- _____. O Brasil renasce onde nasce In Museu do descobrimento, fundação quadrilátero do descobrimento. Coordenador: Roberto da Costa Pinho. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Burti, 1994.
- _____. Dicografia completa, de Domingo (1966) à Não peço desculpas (2002).